



INSERÇÃO DA PESQUISA NA PRÁTICA DE ENSINO DA GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS COM A LEITURA DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

INSERTION OF RESEARCH IN THE PRACTICE OF GEOGRAPHY TEACHING: EXPERIENCES WITH THE READING OF CULTURAL MANIFESTATIONS

Sônia de Souza Mendonça Menezes

Universidade Federal do Sergipe (UFS) – Professora Adjunta

soniamendoncamenezes@gmail.com

RESUMO

O enfoque cultural que busca explorar a dimensão espacial da cultura na ciência geográfica e, conseqüentemente, no ensino de Geografia, tem se revelado como uma possibilidade pertinente e reveladora de novas compreensões acerca da análise do espaço geográfico, sobretudo, quando aliada aos projetos de pesquisa. Constatamos, nas escolas da educação básica, a ausência de metodologias que aliem o ensino à pesquisa e, além disso, o predomínio do ensino pautado na repetição de conteúdos. Isso, além de tornar o ensino pouco atraente para o aluno, compromete o desenvolvimento do seu senso crítico. Diante desse retrato, faz-se necessário integrar os conteúdos das disciplinas em situações práticas que coloquem problemas e possibilitem aos alunos experimentar situações, com a ajuda da teoria. Isso significa inserir a prática, ao longo dos anos no ensino básico, como referente direto para capacitar o aluno a contrastar seus estudos e formar seus próprios conhecimentos e convicções. O objetivo deste artigo é apresentar práticas pedagógicas desenvolvidas aliando pesquisa ensino para facilitar a leitura e a compreensão de conteúdos geográficos na educação básica

Palavras-chave: Geografia Cultural, Práticas Pedagógicas, Ensino de Geografia.

ABSTRACT

The cultural approach that seeks to explore the spatial dimension of culture in geographic science and, consequently, in the teaching of geography, has been revealed as a relevant and revealing possibility of new understandings about the analysis of geographic space, especially, when allied to research projects. We verified, in the schools of basic education, the absence of methodologies that link teaching to research and, in addition, the predominance of teaching based on the repetition of contents. This, in addition to making teaching unattractive to the student, compromises the development of his critical sense. Faced with this portrait, it is necessary to integrate the contents of the disciplines into practical situations that pose problems and enable students to experience situations with the help of theory. This means inserting the practice, over the years in basic education, as a direct reference to enable the student to contrast his studies and to form his own knowledge and convictions. The purpose of this article is to present pedagogical practices developed combining teaching research to facilitate the reading and understanding of geographic contents in basic education.

Keywords: Cultural Geography, Pedagogical practices , Geography Teaching.

1 - Introdução

A contemporaneidade permite vislumbrar novas concepções para a educação e diversas perspectivas de interpretações geográficas. Tal dinâmica, inegavelmente, contribui para a inserção de diferentes ângulos de estudos em sala de aula, especificamente no ensino de Geografia, objeto do artigo em questão. E um desses ângulos, que tem sido enfatizado no decorrer da década de 1990 e início do século XXI, está calcado nas abordagens culturais e na inserção de metodologias investigativas.

O enfoque cultural que busca explorar a dimensão espacial da cultura na ciência geográfica e, conseqüentemente, no ensino de Geografia, tem se revelado como uma possibilidade pertinente e reveladora de novas compreensões acerca da análise do espaço geográfico, sobretudo, quando aliada aos projetos de pesquisa. Logo, é imprescindível a exploração de metodologias que valorizem as culturas regionais, as diferentes identidades, os saberes e fazeres transmitidos por gerações na educação básica.

Constatamos, nas escolas da educação básica, a ausência de metodologias que aliem o ensino à pesquisa e, além disso, o predomínio do ensino pautado na repetição de conteúdos. Isso, além de tornar o ensino pouco atraente para o aluno, compromete o desenvolvimento do seu senso crítico, pois este, ao receber prontas as informações que lhe são servidas, submete-se a aceitá-las sem discussão nem comprovação, passando a constituir “massa de manobra e de manipulação” (MARTINS, 2001). Diante desse retrato, faz-se necessário integrar os conteúdos das disciplinas em situações práticas que coloquem problemas e possibilitem aos alunos experimentar situações, com a ajuda da teoria. Isso significa inserir a prática, ao longo dos anos no ensino básico, como referente direto para capacitar o aluno a contrastar seus estudos e formar seus próprios conhecimentos e convicções. Faz-se necessário “virar a página da Geografia descritiva” em favor de uma abordagem analítica e crítica. Corroborar-se, desse modo, com a proposta de Passini (2010, p.37), ao ressaltar a importância do “desenvolvimento de circunstâncias em que o aluno consiga melhorar seu conhecimento trilhando o caminho do investigador”. Trata-se de uma educação que, ao se transformar em promotora de criatividade e de abertura de novos caminhos na busca do saber, e como formadora de consciência crítica perante os fatos, irá possibilitar a modificação desse quadro tão nefasto à educação no Brasil. A pesquisa que é considerada um elemento crucial na formação inicial dos

educandos, “é o processo que deve aparecer em todo o trajeto educativo [...] que é à base da proposta emancipatória” (DEMO, 1997, p.16). Vê-se, então, a necessidade de educar, instruir os alunos para que estes se tornem reflexivos e críticos-investigadores da realidade, situação propícia para que a autonomia seja alcançada.

Nessa perspectiva, a proposta deste artigo não é somente discutir a relevância de se trabalhar com as manifestações culturais na educação básica, mas, também, contribuir para a inserção da pesquisa nesse nível de ensino por meio de relatos de experiências e propostas de projetos que incentivem os nossos colegas a organizar os seus planos de pesquisa/ensino. Para discutir essa temática, este artigo apresenta-se dividido nas seguintes partes, além da introdução: A pesquisa na educação básica: a vivência da teoria na prática cotidiana; Experiências vivenciadas no âmbito da educação básica com a leitura das manifestações culturais aliada aos conteúdos geográficos; Considerações finais; e Referências.

2 - A pesquisa na educação básica: a vivência da teoria na prática cotidiana

Para que o aluno da educação básica possa não somente conceber o significado do conteúdo, mas compreender o que está sendo ensinado, faz-se necessário promover a vivência em sala de aula de situações que possam comprovar as teorias estudadas. Isso é possível com uma prática de ensino mais dinâmica. Optando por uma metodologia de ensino que envolva o aluno na construção da informação, espera-se que ele estude, a partir de situações do cotidiano, e relacione o conhecimento aprendido para analisar a realidade, que deve ser compreendida nessa relação dialética.

Segundo os referenciais oficiais, veiculados por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) (2013), cabe ao professor da educação básica desenvolver nos alunos uma atitude investigativa, situação em que a pesquisa venha a constituir igualmente um instrumento de ensino, uma vez que tal atitude contribuirá para a absorção do conteúdo e facilitará o processo de ensino-aprendizagem. Essa perspectiva sugere que o professor ultrapasse a visão da prática pedagógica de transmissor do conhecimento pronto, para uma ação na qual o conhecimento seja construído, apropriado pelos discentes envolvidos no processo de ensino/aprendizagem.

Pontuschka et al (2009) e Passini (2010) ressaltam as inúmeras dificuldades enfrentadas pelos alunos ao ingressarem nos cursos de ensino superior: muitos estão despreparados,

apresentando dificuldades, desde as que envolvem a falta de preparo para exercícios de interpretação, reflexão e redação de textos até as que revelam seu total desconhecimento de normas científicas. Tudo isso poderia ser evitado se a pesquisa constasse no cotidiano escolar. Passini (2010, p. 38) ressalta “é preciso criar circunstâncias desafiadoras para que os alunos trabalhem com operações e avancem do conhecimento empírico para o conhecimento sistematizado”. Para tanto, é preciso instigar os alunos a analisar as situações vivenciadas no cotidiano para que construam um novo olhar sobre o que até então era tomado como natural ou ordinário. disso, faz-se necessário incentivar os alunos à leitura do espaço geográfico, a observar, analisar, identificar as problemáticas vivenciadas e a encontrar soluções adequadas para cada realidade.

Embora haja uma preocupação com os conteúdos, os docentes devem utilizar o tempo ideal até que realmente sejam compreendidas as temáticas geográficas. Pedro Demo (1992) assevera que, para o professor, mais importante que vencer os infundáveis conteúdos é abrir espaços para que o aluno trabalhe com temas investigativos ou incentive o engajamento em projetos de pesquisas a fim de exercitar a criatividade e permitir o desenvolvimento da capacidade de elaboração individual e coletiva. Logo, constatamos que a pesquisa e as atividades investigativas representam uma condição fundamental para a aprendizagem significativa. Torna-se necessária a elaboração de propostas de indagação que, além de estimularem as estruturas cognitivas, também apresentem uma base conceitual para que o aluno possa incorporar esse novo conhecimento diante das demandas existentes na sociedade atual. Por conseguinte, o processo de ensino/aprendizagem precisa ser ancorado em uma ampla variedade de materiais que possibilitem planejar, analisar, refletir e ponderar a respeito de situações evidenciadas no seu cotidiano no espaço geográfico.

O educador Paulo Freire (2006), em suas reflexões a respeito da profissão de professor, focou esse profissional como aquele que investiga, que sabe se expressar após fazer a sua leitura do mundo e que detém a compreensão do contexto. Sua epistemologia pressupõe apropriar-se desse estar no mundo para a sua construção a partir da emersão consciente da vontade humana de transformação. Essa apropriação ou domínio da leitura espacial e consciente do mundo não deve ser algo exclusivo do professor, mas deve constar na sua prática cotidiana com o objetivo de tornar os alunos capacitados à construção de um pensamento ou conhecimento dotado de autonomia.

Para realizar uma pesquisa, é necessário promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto, e o conhecimento teórico acumulado a seu respeito. O ato de pesquisar deve partir de uma problemática, e o pesquisador necessita limitar sua atividade a uma determinada porção do saber. Igualmente importante é salientar que a pesquisa precisa despertar o interesse do aluno, tendo em vista que o conhecimento gerado é, portanto, fruto da curiosidade, da investigação, da inteligência e da atividade investigativa, e sistematizado de acordo com as normas vigentes.

Fica claro que o processo investigativo desenvolvido pela pesquisa revela atos. A pesquisa científica é “a investigação feita com o objetivo expresso de obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto preciso” (BAGNO, 2007, p.18). Dessa forma, segundo o autor, a pesquisa é fundamental a qualquer ciência e, sem esta, não há tecnologia. Para Demo (1997), a pesquisa é compreendida como capacidade de elaboração própria e está presente em ações corriqueiras.

Sendo a pesquisa a base de todas as ciências, pensá-la nos remete à ideia de independência do pensamento, inerente à formação de indivíduos capazes não só de aprender por si, como ao mesmo tempo, criticar o conhecimento e criar conhecimentos novos. Portanto, não devemos separar o ensino da pesquisa em qualquer um dos âmbitos do ensino. Como ressalta Freire (1996),

Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p.32)

Ainda sob a ótica de Freire, é essencial ao professor a pesquisa não só como um instrumento de atualização na sua formação profissional, mas também como um método de ensino e aprendizado fundamentado na reflexão e no aperfeiçoamento junto aos alunos. Corroborando com a discussão, Demo (1997, p.34) afirma que “a pesquisa é fundamental para descobrir e criar. É o processo de pesquisa que, na descoberta, questionando o saber vigente, acerta relações novas no dado e estabelece conhecimento novo. É a pesquisa que, na criação, questionando a situação vigente, sugere, pede, força o surgimento de alternativas”. O referido autor enfatiza ainda a importância da pesquisa e o aguçamento da curiosidade, como base do espírito pesquisador, essencial no processo de educação.

Considerando a inserção da pesquisa na educação básica como um recurso que facilita a construção da autonomia do conhecimento científico – instrumento ressaltado pelos estudiosos e nos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, na LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, faz-se necessário refletir sobre limites, desafios e superações, com vista a contribuir para o fortalecimento do processo de ensino/aprendizagem e da construção do conhecimento. Logo, é preciso inserir a pesquisa na educação básica. Além disso, a leitura das manifestações atrelada aos conteúdos geográficos constantes nos currículos é relevante para que o discente constate o significado dos conteúdos geográficos no cotidiano.

Na compreensão de Kaercher (2004, p.41), “[...] há ainda um predomínio da Geografia mnemônica, meramente informativa na sua versão empobrecida. Um somatório de informações, sem uma teoria geral que ligue os fatos discutidos entre si e, salvo exceções, sem ligação dos assuntos vistos com a vida dos alunos”. Ainda é comum, no ensino da Geografia, a abordagem de conteúdos descontextualizados da realidade vivenciada pelos alunos. Assim, para que haja uma transformação de fato, é necessário criar condições para que sejam efetivadas alternativas práticas que resultem no sucesso do processo de ensino e aprendizagem.

Pontuschka (2009, p.95) ressalta a importância dessa prática na formação dos professores, assim como na “[...] construção de uma atitude cotidiana de compreensão dos processos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos e de busca de autonomia na interpretação da realidade”. Logo, a perspectiva de trabalhar de forma investigativa implica em romper com a visão tradicional do “repassar” dos conteúdos prontos e acabados em favor da construção e apropriação de conceitos geográficos.

A partir desse quadro de referência, o propósito do tópico seguinte é o de apresentar e discutir práticas pedagógicas viáveis que potencializem a construção de conceitos no ensino de Geografia a partir da leitura das manifestações culturais no espaço geográfico.

3 - Experiências investigativas vivenciadas no âmbito das abordagens culturais

O exercício da pesquisa relacionada ao ensino e à leitura do cotidiano bem como das manifestações culturais se constitui em uma prática que atrai os educandos, pois, apesar da utilização de recursos simples, gera efeitos significativos.

É importante ressaltar que qualquer prática é decorrente da concepção de ensino que o professor adota. De acordo com Cavalcanti (2005), o caminho mais adequado para desenvolver procedimentos no ensino de Geografia é fazer uma reflexão inicial sobre os objetivos de ensino. Na concepção de Cavalcanti (2005, p. 71), ensino corresponde “a um processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor, no qual estão envolvidos, de forma interdependente, os objetivos, os conteúdos, os métodos e as formas organizativas do ensino”. Nesse processo, cada um desses elementos deve estar em sintonia com os outros.

Inicialmente, estabeleceu-se um clima dialógico nas aulas, discutindo o conteúdo a partir do conhecimento do aluno. Com tal postura, foi possível evitar o “engessamento” das aulas, o que possibilitou o despertar do interesse do estudante para o conteúdo geográfico, aliando teoria e prática. De modo subjacente ao pressuposto do reconhecimento da diversidade cultural, na essência, procurou-se, por meio do ensino e da pesquisa, suscitar a educação como instrumento de estudo da cultura manifestada no espaço local e suas conexões interescolares. Logo, abordar as categorias geográficas território, espaço e escala foram importantes no processo investigativo uma vez que, os alunos entenderam os conceitos na vivência da pesquisa.

Dentre as manifestações culturais a serem observadas e pesquisadas, ressalta-se o significado da cultura asiática disseminada nos diferentes espaços, as tradicionais festas juninas e as feiras semanais que se adaptaram e se ressignificaram, mas que mantêm a essência dos e nos lugares. Essas manifestações constituem em representações simbólicas autênticas da identidade cultural de determinados grupos. Identidade esta construída por “singularidades” que permeiam a história dos grupos sociais, sendo reelaboradas em função das tendências sociais (CASTELLS, 2000; ALMEIDA, 2005).

Apresentamos, a seguir, algumas estratégias pedagógicas de pesquisa e ensino que viabilizaram o processo de ensino e aprendizagem da Geografia, vinculadas à leitura das manifestações culturais e as relacionaremos com os conteúdos referentes à Geografia Regional, Cultural, Agrária e da Circulação, para além de outras temáticas na educação básica.

4 - As investigações das manifestações culturais no espaço geográfico

4.1 - Cultura asiática em Aracaju

Tradicionalmente, nos últimos anos do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, as aulas de Geografia têm por objetivo contextualizar o espaço geográfico na escala global. Nesse ínterim, as dificuldades apresentadas são inúmeras, sobretudo em relação à distância, ao desconhecimento e a (des)conexão com o espaço local. Tendo em vista tais dificuldades, buscou-se organizar, paralelamente às aulas direcionadas ao continente asiático, um projeto de pesquisa direcionado às manifestações culturais fundamentadas na cultura da Ásia que podem ser visualizadas na escala local-Aracaju. O objetivo era motivar os alunos e facilitar a aprendizagem, reduzindo barreiras, como a falta de interesse em estudar a geografia na escala global, assim como desmistificar a relação da distância entre as escalas geográficas na contemporaneidade.

Inicialmente apresentou-se a ideia do projeto de pesquisa aos alunos do 3º ano do Ensino Médio. Após discussões a respeito da temática, ouviu-se as sugestões apresentadas pelos alunos, as quais foram acatadas em consonância com os objetivos do projeto. Em seguida, eles se organizaram em grupos (compostos por cinco ou seis membros), norteados pelo objetivo de identificar e analisar a cultura asiática na cidade de Aracaju. Foram elaboradas várias questões de pesquisa para guiar o trabalho: Por que estudar o continente asiático no espaço local?, Quais as relações existentes entre a Ásia e a minha cidade?; Quais manifestações culturais e religiosas podemos remeter ao continente asiático?; e Em que medida o processo de globalização reduz as distâncias entre o continente americano e asiático? Para responder a esses questionamentos, após a discussão com os alunos, foram elaborados roteiros e questionários direcionados ao trabalho de campo a partir das seguintes temáticas:

- a) Ásia, berço das religiões – religiões asiáticas professadas em Aracaju.
- b) Alimentação de origem asiática em Aracaju - comida chinesa, japonesa, árabe.
- c) Terapias alternativas – *yoga*, *tai-chi-chuan*, meditação.
- d) Artes marciais de origem oriental – judô, *karatê*, *Kung-fu*, *Jiu-jitsu*.
- e) Medicina alternativa, complementar ou holística - medicina tradicional chinesa e da medicina ayurvédica, da Índia, com seus sistemas inspirados no taoísmo e no hinduísmo.

Após o sorteio dos temas, os grupos foram orientados a cumprir as seguintes etapas:

- Primeira etapa: realização de pesquisa bibliográfica e levantamento de fontes em jornais, revistas e sites especializados;
- Segunda etapa: realização de pesquisa de campo em que os alunos identificariam na cidade de Aracaju as temáticas propostas, realizando entrevistas com os sujeitos sociais envolvidos.
- Terceira etapa: após o desenvolvimento das etapas anteriores, os alunos organizaram um relatório no qual apresentaram os referenciais, bem como os resultados da pesquisa de campo.

Inicialmente foi constatada a resistência por parte de alguns alunos a respeito da sua inserção em um projeto de pesquisa. Entretanto, à medida em que o trabalho estava sendo desenvolvido, foi possível observar que todos os alunos se interessavam cada vez mais pela temática e pelo conteúdo, muitas vezes considerado árido - o estudo da Ásia.

Embora o trabalho tenha sido exaustivo, a dedicação dos alunos e a interação entre os membros dos grupos tornaram-se mais sólidas, assim como a socialização do conhecimento, facilitando a aprendizagem.

Concomitantemente, o professor em sala ministrava suas aulas com as temáticas indicadas para a referida série, que passaram a ser discutidas e relacionadas com os subtemas desenvolvidos nas pesquisas dos grupos.

A culminância do projeto ocorreu durante a Jornada Esportiva, Educacional, Cultural e Artística do Colégio de Aplicação - JEECA, na qual os alunos apresentaram os resultados em forma de exposição.

Para a referida exposição, foram convidados profissionais das artes marciais, da medicina alternativa e das terapias alternativas, que estiveram presentes durante parte do evento. Ainda os discentes obtiveram, junto aos proprietários e gerentes de restaurantes da culinária oriental em Aracaju, pratos típicos para degustação do público. Alguns grupos inclusive vestiram-se a caráter, atraindo os colegas das demais séries da escola.

Com a realização dessa atividade, foi possível constatar o envolvimento dos alunos e uma atração pela leitura da cultura global encontrada na escala local. O referido trabalho despertou o interesse para o estudo da geografia regional e destacou a relevância do

estudo geográfico no mundo globalizado com a aproximação das escalas geográficas do local ao global. Além disso, os discentes constataram a importância da geografia para a compreensão das manifestações culturais de outro(s) continente(s) difundidas no Brasil e visualizadas no seu cotidiano. Mas, para além da cultura global, faz-se necessário entender a cultura regional.

4.2 - As festas populares e o ensino de Geografia

As festas juninas são consideradas como a mais representativa manifestação cultural nordestina. Nesse período, as cidades se transformam, os logradouros e repartições públicas, as empresas e todo o setor comercial são decorados com bandeirolas, e as pessoas vivenciam os sons, cores, roupas típicas para esses momentos festivos. Cruz, Menezes e Pinto (2008) ressaltam que a cultura popular e sua representação nas festas, as crenças, os hábitos e as tradições, os saberes presentes na gastronomia, nas danças folclóricas e nos ritos e celebrações de um local apresentam uma simbologia que particulariza as comemorações juninas. Almeida (2011 p. 1) assevera “a festa, para todos, é entendida como um código sociocultural e simbólico, impresso e produzido no espaço geográfico”. Esse simbolismo concretiza-se na forma de objetos, razão pela qual é importante analisar a festa para além do valor cultural e simbólico, mas também pelo seu valor comercial, apropriado por grupos empresariais com vistas à expansão do capital político e econômico. Logo, discutir essas festividades enraizadas na identidade dos discentes e docentes é de suma relevância, já que “diminuir as certezas que o excesso de simplismo de algumas explicações escolares nos traz pode ajudar o aluno a ter mais curiosidade em elaborar perguntas acerca de si e do mundo”. (KAERCHER, 2014, p.37) Cabe aos docentes inquietar os alunos, incentivá-los, estimulá-los a questionar para que não enveredem por verdades absolutas, pela conformidade e não análise dos fatos, o que os manteria em uma prática de fazer uma leitura da aparência, e não da essência.

Nas escolas é comum, sobretudo nas de ensino infantil e do primeiro ciclo do ensino fundamental, as apresentações da quadrilha, dança típica desse festejo, com meninos e meninas usando os trajes típicos – ainda que, na atualidade, com requinte, diferentemente do caipira evocado no passado. Entretanto, constatamos que geralmente as turmas do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental praticamente não participam de atividades relacionadas ao tema, assim como os alunos do Ensino Médio. Logo, ao identificar essa discrepância existente nas escolas da educação básica e a dimensão identitária das festas

juninas na população, propomos um projeto que envolvesse toda a Escola Estadual Professor Arício Fortes, a proposta aqui apresentada foi adaptada após a execução de acordo com os resultados alcançados nos idos dos anos 1998.

Esse projeto apresentou como objetivo compreender as festas juninas nas diferentes temporalidades para além da dimensão cultural. Como procedimentos metodológicos, iniciamos com a revisão da temática. Em seguida, foram divididos os temas que seriam pesquisados por cada turma da escola, de acordo com a faixa etária. A categoria geográfica escolhida foi o espaço. Para tanto,

Os alunos do Ensino Médio ficaram responsáveis pela pesquisa sobre as seguintes temáticas:

- a Festejos juninos no estado de Sergipe nos últimos dez anos: uma análise das notícias veiculadas nos meios de comunicação de massa;
- b Festas “inventadas” juninas ou criadas pelo poder público e pelas empresas nos últimos vinte anos em Sergipe;
- c Pesquisa com jovens, adolescentes e crianças sobre o significado dos festejos juninos;
- d Mapeamento dos festejos juninos em Sergipe e elaboração de um vídeo de curta-metragem com uma amostra dos entrevistados no qual é ressaltado o significado dos festejos para as diferentes faixas etárias;

Para os alunos do Ensino Fundamental foram sugeridos os seguintes temas:

- e Identificar as comidas tradicionais consumidas nos festejos juninos;
- f Pesquisar com adultos e idosos sobre as adivinhações, compadrio, batismo e demais atividades evidenciadas nos dias de São João, Santo Antônio e São Pedro;
- g Identificar os municípios que têm os Santos Juninos como padroeiros nos *sites* das Dioceses.

A partir da pesquisa realizada, os docentes puderam relacionar os festejos juninos com os conteúdos abordados na Geografia Agrária. Ao pesquisar as comidas típicas, percebeu-se a relação destas com a produção de alimentos pelos agricultores familiares. Logo, no caso do Nordeste, apareceram os derivados do milho e da mandioca, produtos estes essenciais nas comemorações juninas. Em outras regiões, apareceram outros alimentos. Discutir a

apropriação dos festejos juninos ou outras festas por grupos empresariais incentivou os alunos a ler a configuração espacial e os interesses existentes com vista à acumulação do capital.

O resultado do projeto foi apresentado em um sábado letivo, envolvendo os alunos da escola.

Por fim, apresentamos outra experiência com a temática das feiras semanais como projeto de pesquisa realizado no âmbito do Programa Pibic- Júnior no Colégio Estadual Professora Maria das Graças Moura no município de Itabi. Fizemos adaptações do citado projeto com vistas a sua aplicação de forma interdisciplinar envolvendo outras disciplinas como português, matemática, redação, ciências e ressaltamos que poderá ser desenvolvido em uma turma ou envolver toda a escola. O objetivo é entender a citada manifestação cultural e aliá-la aos conteúdos trabalhados relacionados às temáticas da Geografias Agrária, de Circulação e de Indústria.

4.3 – As feiras semanais: tradição e ressignificação.

As práticas de comercialização remontam aos primeiros agrupamentos humanos, quando o homem deixou de ser nômade e tornou-se sedentário ao domar os animais e inserir o cultivo da terra, dando assim origem à agricultura. No Brasil, as feiras foram implantadas pelos portugueses, visto que constituía uma importante tradição cultural dos colonizadores, caracterizada pela periodicidade. Essa modalidade periódica de comércio desempenha um papel importante no abastecimento da população urbana e rural, sobretudo na região Nordeste.

Embora conheçam e vivenciem a feira semanal nas cidades localizadas no interior dessa região e nos bairros das capitais, geralmente os alunos desconhecem as demais dimensões para além do aspecto econômico. Para incentivar o conhecimento desse importante centro de comercialização local e as suas relações com as escalas regional, nacional e global, ressaltamos a importância de elaborar um projeto de pesquisa que pode envolver alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

A feira constitui uma manifestação cultural onde podem ser encontrados os artesanatos local e regional, as comidas tradicionais, os vendedores ambulantes trovadores, emboladores, as ervas medicinais, os curandeiros etc. Verifica-se a conformação de um território móvel e cultural apropriado pelos consumidores e feirantes a partir das relações

de proximidade, permeadas pela confiança, entre esses atores, visto que ainda são utilizadas as cadernetas ou caderno de anotação das compras, e o pagamento é realizado a cada semana, quinzena ou mês. Além dessa forma de pagamento, constata-se a inserção dos cartões de crédito em barracas onde são comercializadas roupas e utensílios domésticos. Essas características denotam a diversidade de relações existentes, a convivência dos modelos tradicionais e aqueles do paradigma global.

Nas feiras também são constatadas a ocorrência das redes de sociabilidade, permeadas pela solidariedade, a conformação de laços de amizade, o compadrio entre consumidores e feirantes, além dos encontros entre a população rural e urbana. Embora essas relações perpassem o território, identifica-se ainda as relações do poder impetradas pelo poder público, que delimita o local de comercialização de cada feirante, além de cobrar imposto pelo uso do espaço urbano. Contata-se ainda em alguns bairros da capital a organização da feira por grupos privados e a existência de conflitos entre os grupos. Logo, analisar a categoria território a partir do estudo da feira livre contribui para que os alunos constatem *in loco* a relevância do estudo geográfico e, ultrapassando a simples noção da categoria, os docentes, ao abordar os conteúdos relacionados aos setores econômicos primário, secundário e terciário, têm um laboratório onde os alunos podem vivenciar a circulação de mercadorias dos citados setores, isto é, os fluxos e as redes pelas quais estas passam até chegar a esse espaço. Além disso, podem observar a comercialização da feira como estratégia de reprodução social de grupos familiares que residem no espaço rural e urbano.

Nesse contexto, alguns questionamentos recorrentes surgem sobre a feira da cidade interioranas ou nos bairros das capitais. Quais são os produtos comercializados e os fluxos utilizados para chegar até o município? Qual é a naturalidade dos comerciantes? Em que medida os munícipes participam como comerciantes na feira? Quais são os vínculos de sociabilidade que se mantêm nesse território? Quais são as mudanças identificadas pelos consumidores na feira? Dessa forma, mapear os fluxos e as redes dos produtos comercializados, a naturalidade dos comerciantes – com o intuito de verificar a inserção dos munícipes – e a dimensão cultural da feira de acordo com a opinião daqueles que a frequentam faz-se ainda necessário para se compreender o principal espaço de comercialização dos pequenos municípios, assim como nos bairros das grandes cidades e capitais. Identificar os entraves enfrentados pelos comerciantes e as recomendações para

uma efetiva melhoria no sistema de comercialização é importante para que os alunos observem, analisem e proponham soluções.

Outrossim, percebe-se necessário entrevistar consumidores que apontem as mudanças ocorridas e comentem as relações de sociabilidade existentes entre os feirantes e os consumidores, aspecto importante para que os discentes diferenciem as características que permeiam os espaços de comercialização formal e informal. Além disso, é relevante observar as ressignificações ocorridas com a inserção do uso de cartão de crédito nas barracas nesse espaço de comercialização considerado como um espaço típico do “circuito inferior da economia” (Santos, 2004). Portanto, diagnosticar a principal rede de comercialização do município é importante para os alunos da educação básica, visto que constitui sua inserção na pesquisa científica, além de ser essencial também como uma ação de cidadania, tendo em vista a produção do conhecimento local e suas inter-relações, contribuindo para a sua formação.

Na execução do projeto foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: inicialmente foram feitas revisão bibliográfica com a leitura de monografias, artigo de revistas, dissertações e livros a respeito da temática em foco – as feiras.

Para identificar os principais usuários da feira, foi realizada a pesquisa de campo, a qual foi dividida de modo a ficar cada setor sob a responsabilidade de uma turma:

- a) alimentos perecíveis - frutas, legumes e verduras;
- b) alimentos tradicionais - derivados de leite, iguarias derivadas da mandioca, comidas típicas, lanches;
- c) carnes - bovina, suína, ovinos, caprinos e aves;
- d) cereais - arroz, feijão, farinha de mandioca, farinha de milho;
- e) artesanato - palha, couro, barro;
- f) produtos industrializados - roupas, tecidos, utensílios domésticos, brinquedos;
- g) entrevista aos consumidores sobre as relações vivenciadas com os feirantes;
- h) entrevista aos adultos e idosos para identificar as mudanças ocorridas nesse território;
- i) entrevista às crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos para compreender o significado da feira para além da dimensão econômica;
- j) entrevista aos responsáveis pela organização desse território para entender as relações de poder existentes;

Após a divisão das tarefas do projeto – que pode ser dentro de uma única turma ou envolvendo toda a escola –, os discentes foram a campo com o apoio dos docentes e realizaram a pesquisa durante um período específico, de acordo com a dimensão das feiras no local. Depois de coletadas as informações, foram confeccionados, gráficos, tabelas, quadros e mapas com os fluxos dos feirantes, das mercadorias, dos consumidores. No tocante às ações educativas, foi realizado um seminário no Colégio Estadual Maria das Graças Meneses Moura localizado na cidade de Itabi para apresentar os dados coletados e analisados pelos alunos na pesquisa científica realizada, disseminando a importância da participação dos alunos em projetos da educação básica. A repercussão do projeto alcançou os órgãos públicos e as alunas foram convidadas a apresentar o projeto na Câmara Municipal do Município, sendo elaborado após a apresentação uma Lei que proibiu a passagem de animais, carroças, motocicletas e automóveis. Constatamos com esse projeto a relevância da pesquisa na educação extrapolando os muros da escola, com o efetivo exercício de cidadania.

5 - Considerações gerais

Ousar no processo de ensino aprendizagem com pesquisas que envolvam o cotidiano e as manifestações culturais no processo de produção do espaço certamente resultará na construção de conceitos e significados no exercício da leitura do espaço geográfico. A sistemática de trabalho no ensino da Geografia deve contemplar múltiplas ações, sobretudo, atividades práticas, como dinâmicas de grupo, atividades cartográficas, aula de campo, pesquisas, entre outras, numa perspectiva que priorize “[...] um ensino dinâmico, atual, criativo e instigante para que nossos alunos percebam a Geografia como um conhecimento útil e presente na vida de todos” (KAERCHER, 2002, p. 230).

É preferível um posicionamento em que o mais importante seja ter sempre a preocupação de se considerar o nível de compreensão do aluno, ouvindo-o para “colher o seu repertório” como ponto de partida para a reflexão de suas próprias experiências e de outras situações reais.

Não se trata de aplicar modelos pré-estabelecidos, mas refletir sobre a prática pedagógica existente e elaborar estratégias pedagógicas para que os profissionais experimentem novas metodologias de ensino que venham ao encontro das necessidades concretas dos alunos. Para tanto, torna-se indispensável a participação ativa do aluno, utilizando as

diferentes linguagens disponíveis, as quais devem ser empregadas no sentido de levá-los a se perceberem como sujeitos no processo de produção socioespacial.

São necessárias atitudes adequadas, bem como o desenvolvimento de outros recursos cognitivos e afetivos, que levem os alunos a se conhecer e se expressar como indivíduos e como seres atuantes na realidade em que vivem. No contexto escolar, percebeu-se que focar os conceitos geográficos aliados à leitura das manifestações culturais possibilita a atração dos alunos às demais temáticas discutidas na Geografia. Conforme enfatiza Claval (1995), é pela cultura ou por meio de atributos culturais que as populações fazem a sua mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular, além de se enraizarem no território. Conhecer esses atributos culturais do lugar é construir junto aos educandos uma leitura associada à economia, aos aspectos físicos e humanos. Estudar a cultura significa descortinar o sentido das manifestações para a vida de homens e mulheres, identificando as relações entre eles, o espaço e os seus desdobramentos com o surgimento de outras atividades; é “interpretar o valor social a elas agregadas” (ALMEIDA, 2005, p.323).

Desse modo, as práticas relatadas resultaram em uma aprendizagem significativa que possibilitou articular a leitura do espaço geográfico, a partir da pesquisa das manifestações culturais, aliada aos conteúdos geográficos estudados, incentivando os alunos a ter uma postura ativa frente a estes. Como ressaltou Passini, (2010, p. 39) “o pesquisador não nasce pronto, precisamos formá-lo”. Logo, incentivar os alunos da educação básica em projetos de pesquisa é algo importante, imprescindível e gratificante para o docente, uma vez que estimula o desenvolvimento de habilidades dos discentes, até então desconhecidas, além de incentivar a leitura do espaço no cotidiano.

É imprescindível trazer a Geografia para o cotidiano do aluno de uma forma instigante e provocadora de perguntas e espantos. Para Kaercher (2004, p. 56) “espantar os alunos ‘eu não havia pensado nisso, professor!’, gerar inconformidade com as explicações excessivamente generalistas pode ser um belo e permanente desafio a nós educadores”. Assim sendo, os fenômenos sociais, culturais, políticos ou naturais devem ser contextualizados em relação ao lugar ou espaço no qual o aluno está inserido.

Considera-se a escola como lugar privilegiado onde ocorre o ensino e aprendizagem de forma sistematizada. Assim, o ensino da Geografia deve contribuir para uma leitura do

mundo, como também propiciar a análise crítica da sociedade em que vivemos. Como evidencia Callai (2003, p. 60), a “[...] educação geográfica não é para a escola, ou para os professores, mas é com certeza para que cada um se entenda como sujeito da sua história ao viver a sua vida e produzir o seu espaço”.

Diante dos obstáculos, cabe ao professor repensar os conteúdos e trabalhá-los de forma que os alunos se inteirem da realidade em que vivem, estimulando a reflexão e a criatividade. Nessa perspectiva, as reflexões aqui apresentadas podem instigar novos desafios para o ensino da Geografia na medida em que possibilitam a leitura de significados acerca do espaço e a consolidação de aprendizagens significativas, sem necessariamente envolver altos custos e recursos tecnológicos avançados, nem sempre acessíveis às escolas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. de. **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

CALLAI, H. C. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos [et al.] (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 2003. p. 57-66.

CASTELLS. M. **O Poder da Identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. Vol.II. 2ª Edição. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GOMES, E. T. A. **Natureza e cultura: representações na paisagem**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA. R. L. (Org.) Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 49-70.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice. 1990.

KAERCHER, N. A. O gato comeu a Geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, N. (Org.) **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 221-231.

_____. A geografia é o nosso dia a dia. In: CASTROGIOVANI, A. C. et.al. (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4ª. ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 2003. p.13-25.

_____. Desafios e utopias no ensino de geografia. Santa Cruz do Sul. Edunisc. 2003. 150p.

_____. Quando a Geografia crítica pode ser um pastel de vento. **Mercator**, v. 3, n. 6, 2004. UFC, Fortaleza.

_____. Ser docente, ser discente: modelos e identidades. Conhece e revela-te estudando a cidade. In: Encuentro de Geógrafos da América Latina, 12, 2009, Montevideo, Anais Encuentro de Geógrafos da América Latina **Montevideo**: Universidad de la República, 2009. Disponível em: <<http://egal2009.easyplanners.info>>

MEC. **DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS**. Disponível em: portal.mec.gov.br/docman/junho-2013.../13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013. Acessado em 20/06/2017.

PONTUSCHKA, N. N. Para ensinar e aprender Geografia. A geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, Ana F. (Org.). **Novos rumos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 111-142.

_____ et al . . 3ª Ed. São Paulo: Cortez. 2009, p. 89-104.

SANTANA, M. T. ; DANTAS, N. V. ; SANTOS, Y. B. ; MENEZES. S. de S. M. Espacialização da feira de Itabi: história, fluxos, redes de comercialização e sociabilidade. **Scientia Plena Jovem**, v. 4, p. 32-40, 2015.

SANTOS, M. **O espaço dividido; os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2ª Ed. São Paulo: Edusp. 2004.